

Santa Cruz da Conceição (SP) - resumo histórico

José Donizete Cazzolato

As origens de Santa Cruz da Conceição situam-se no período que sucedeu a independência do Brasil. O jovem país buscava fixar na agricultura o esteio de sua economia, que se apoiara, até algumas décadas atrás, na extração de ouro e diamantes. Com o esgotamento da mineração em Minas Gerais, muitos dos seus habitantes migraram em busca de outras terras, mais próprias para o estabelecimento de fazendas e produção agropecuária. A província de São Paulo acabou se beneficiando desse fluxo, que impelia mineiros e paulistas a avançar sertão adentro, a oeste da estrada que ligava São Paulo a Goiás.

Os viajantes europeus que percorreram o interior do Brasil nessa época registraram esse momento, como, por exemplo, o francês Saint-Hilaire. Vindo de Goiás para São Paulo, no ano de 1819, ao percorrer o trecho entre Franca e Jundiaí relatou a existência de novas fazendas e engenhos ao longo da estrada, a maioria de proprietários vindos de Minas Gerais.

Entre 1800 e 1820 chegaram os pioneiros de Pirassununga, Limeira e Rio Claro, derrubando a mata e formando lavouras de milho, cana-de-açúcar e feijão. Também trouxeram matrizes e iniciaram a criação de porcos, bois e carneiros.

Num processo contínuo de avanço rumo oeste, os descendentes desses pioneiros, assim como outros vindos de Mogi-Mirim, Campinas, Jundiaí ou Bragança, seguiram, nas décadas seguintes, desbravando o desconhecido sertão, até então habitado somente por indígenas nômades.

Em 1836, foi fincada uma cruz num cruzamento da estrada que ligava Pirassununga a Rio Claro, em terras doadas para povoamento. A gleba era de vinte e um alqueires, e começou a ser ocupada no ano seguinte. Sete anos depois, havia já uma capela, e ali se celebrou a primeira missa no novo povoado: era três de maio, que o calendário da igreja católica dedica à Santa Cruz.

Nas décadas que se seguiram o núcleo passou por discreto mais contínuo crescimento, até que, por volta de 1860, um novo produto agrícola chegou às terras santacruzenses. Era o café, que vinha trazendo uma nova era de desenvolvimento para a província.

Com produtividade espantosa nas férteis terras paulistas, o café exigia uma rede de transporte compatível com o volume e o valor do que se chamou posteriormente "ouro verde". Começou então a expansão ferroviária, inaugurada com a ligação entre o porto de Santos, a capital e Jundiaí, no ano de 1867.

À medida que se expandia o cultivo do café, as ferrovias estendiam suas linhas. Em 1876 a Companhia Paulista chegou a Limeira e a Rio Claro. Num ponto intermediário, foi construída uma estação, denominada Cordeiro, de onde os planos da companhia previam uma derivação rumo norte, com destino a Ribeirão Preto. Acenderam-se os ânimos no povoado de Santa Cruz, que se desenvolvia e já contava com uma igreja, recém-construída, não mais com uma simples capela.

As obras da nova linha, chamada na época "Estrada do Mogy-Guassu", começaram no mesmo ano, e, em abril de 1877 era inaugurada a estação de Araras. A seqüência das obras, porém, decepcionou os santacruzenses: a partir de Araras a ferrovia avançou por um traçado que passou cerca de cinco quilômetros distante de Santa Cruz, e, em outubro de 1878 foi inaugurada a estação de Pirassununga.

Mesmo sem a sonhada estação, Nossa Senhora da Conceição de Santa Cruz atingira um desenvolvimento tal que justificava sua oficialização. Assim, em 23 de janeiro de 1881 o povoado foi elevado à condição de freguesia, sob jurisdição do município de Araras. Quatro anos depois, outro ato legal transferiu-a para o município de Pirassununga.

A freguesia, porém, não durou vinte anos. Antes do final do século emancipou-se, com o nome de Santa Cruz da Conceição, conforme a Lei 533, de 4 de julho de 1898. Eram de fato novos tempos: já não havia mais escravos, o Brasil adotara o regime republicano, e muitas novidades causavam deslumbramento: telefone, energia elétrica, fotografia.

O jovem município iniciou o século XX com cerca de sete mil habitantes, quase todos na zona rural, onde a agricultura, principalmente o café, fazia a riqueza local,

de São Paulo e do Brasil. E as famílias santacruzenses mais antigas tinham novos vizinhos: os imigrantes europeus, ali estabelecidos em busca da terra que a pátria distante não lhes proporcionara.

O desenvolvimento verificado nas primeiras décadas do novo século não foi apenas econômico. Santa Cruz também se preocupou com a educação, e, em 1923, estava pronto o belo prédio construído para abrigar a escola da cidade. A instalação do Grupo Escolar, porém, só foi efetivada pelo Estado no final da década seguinte.

Nessa mesma década, uma seqüência de fatos alterou significativamente a vida de Santa Cruz da Conceição. Houve mudanças no governo federal, com a ascensão de Getúlio Vargas, em seguida eclodiu a Revolução Constitucionalista, e, em 1934, o município recebeu um golpe ainda mais duro: a perda da autonomia política. Pelo decreto 6448, de 21 de maio, Santa Cruz da Conceição voltou à condição de Distrito, agora pertencente ao município de Leme. E, cerca de um mês mais tarde, o decreto 6526 transferiu parte do antigo território de Santa Cruz para o município de Pirassununga.

A nova situação, sem dúvida desfavorável para Santa Cruz, não durou duas décadas. Em 1953 a luta emancipacionista teve êxito, e a lei 2456, de 30 de dezembro, restabeleceu o município. Nessa mesma década concluiu-se a pavimentação da rodovia Anhangüera. O Brasil iniciava a era automobilística, inaugurando, em São Bernardo do Campo, a primeira das grandes montadoras que aqui se instalaram.

Dessa época em diante, as linhas férreas foram sendo, em sua maioria, desativadas, e Santa Cruz, com acesso a uma grande rodovia, já não se sentia em desvantagem. Seu desenvolvimento, porém, não levou a resultados de incremento populacional, urbano, comercial e industrial como aqueles verificados nas vizinhas Leme e Pirassununga. A força de Santa Cruz permaneceu na agricultura.

Nas últimas décadas, apesar das muitas mudanças associadas à globalização econômica, como a modernização verificada nos meios de produção, inclusive com a agrodindústria, a duplicação da Anhangüera, a adoção de novos hábitos como o uso de celulares e Internet, Santa Cruz da Conceição não abandonou o modelo de cidade-refúgio, onde as relações pessoais fazem a vida mais saudável, e a relação com o ambiente natural é mais intensa. Com o represamento do ribeirão do Roque

e do ribeirão do Moqué, a cidade ganhou ares de veraneio, e o município passou a vislumbrar possibilidades ainda maiores com o turismo, aproveitando o potencial natural já perdido pelas grandes cidades, e que os santacruzenses tão bem souberam preservar.

Santo André, setembro de 2003.

Fontes consultadas:

Prefeitura Municipal de Santa Cruz da Conceição;

"Viagem à província de São Paulo", Auguste de Saint-Hilaire - Edusp/Livraria Itatiaia Editora, São Paulo, 1976;

Sites: [www.seade.org.br/memória das estatísticas demográficas/histórico](http://www.seade.org.br/memória%20das%20estatísticas%20demográficas/histórico)

[www.autoban.com.br/conheça a AutoBan/História-Anhangüera](http://www.autoban.com.br/conheça%20a%20AutoBan/História-Anhangüera)

[www.estacoesferroviarias.com.br/cronologia das ferrovias em sp](http://www.estacoesferroviarias.com.br/cronologia%20das%20ferrovias%20em%20sp)